

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☒

Nº. de referência: *8 S-5-C*

Título: *"UM REI POPULAR"*

Título da Série: *MINITEATRO*

Autor (obra original): *DINIS, JÚLIO*

Adaptador: *SILVA, MARIA PEREIRA DA*

Realizador: *?*

Locutor: *FERNANDES, CARLOS*

Data de produção:

Data de Emissão:

Nº. de Episódios:

ACTORES	PERSONAGENS
<i>ARIANDO VENÂNCIO</i>	<i>BRÁS SERRÃO</i>
<i>DAVID SILVA</i>	<i>LOURENÇO</i>
<i>LUÍS BERQUEIRA</i>	<i>ANDRÉ</i>
<i>BARMEN DOLORES</i>	<i>LUÍSA</i>
<i>RUI MENDES</i>	<i>RUI</i>
<i>JOÃO PERRY</i>	<i>REI D. JOÃO</i>
<i>VITOR DE SOUSA</i>	<i>CONDE</i>
<i>BRANCO ALVES</i>	<i>MARQUÊS</i>
<i>LUÍS PINHÃO</i>	<i>DUQUE</i>

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Esers

(V.S.F.F.) ☐

Notas:

- DIA ARTÍSTICA - RUI DE CARVALHO

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOSPROGRAMA N.º 181
DATA DE ENTREGA 13/9/76

PROGRAMA _____

EMISSÃO DE 1 1 HORASPERÍODO DE GRAVAÇÃO
A GRAVAR EM 13/9/76
HORA 10,30**VISTO**NÚMERO DE PEDIDO
DE GRAVAÇÃOUM REI POPULAR

de

Júlio Dinis

Adaptação de Maria Pereira da Silva

PERSONAGENS E INTERPRETES:

Brás Serrão - Américo Venâncio
Lourenço - David Silva
André - Luís Berqueira
Luísa - Carmen Dolores
Rui - Rui Mendes
Rei D. João - João Perry
Conde - Vítor de Sousa
Marquês - Branco Alves
Duque - Luís Cunha

- Toda a nobreza é contra D.João por ele ser pelo povo e não nos deixar esmagar por esses ricos senhores; corta-lhes os privilégios com golpes espantosos, como os que com a sua valente espada cortava os mouros e os Castelhanos.
- LOURENÇO - Muito se fala na má vontade que os nobres têm a D.João II até se diz que o Marquês de Montemor o duquede Bragança o conde de Faro D.Álvaro e mais alguns fidalgos se reuniam no convento de Santa Maria do Espinheiro para conspirarem contra Sua Alteza, e que se apressaram a escolher outro local por terem sido denunciados.
- ANDRÉ - Vozes do Povo
- BRAS - ^{boa} Soube de fonte que El-Rei publicou um decreto, despojando os fidalgos do poder de exercerem a justiça nas terras do seu domínio.
- LOURENÇO - Se é verdade, ficará o povo livre do jugo dos ricos senhores e só sujeito ao domínio de El-Rei.
- BRAS - Justo é que tenhamos rei que nos governe mas que ninguém nos oprima.
- TODOS - Apoiado+
- ANDRÉ - O que é certo é que nestas lutas entre os grandes, quem mais sofre são os pequenos.
- BRAS - Isto está para se ver agora. Quem não te conhecesse, André, diria que também conspiras.
- ANDRÉ - Que ' Que é lá isso? Conspirar?... Quem fala em tal? Sou grande admirador do nosso bom Rei D.João II, rei patriótico valoroso, sábio, justo e bem amado como nenhum. Conspirar? Tens ditos que são de recear. Espero que ninguém te dará crédito.
- LOURENÇO - Enche outra vez os copos, André+ (Ruído de copos e vinho a correr)

- BRAS - Todos os que aqui estão são camaradas e verdadeiros amigos. O que disse não foi para te ofender, André.
- LOURENÇO - Não sejamos difíceis de contentar. Com o rei que temos é quase um crime queixarmo-nos. Portanto folguemos! Vamos fazer uma saúde do nosso rei.
- TODOS - Apoiado.
- BRAS - À saúde de El-rei!
- TODOS - À Saúde de El-Rei!
- ANDRÊ - Agora, amigos, retirai-vos, que já o corpo me pede descanso. São nove horas.
- BRAS - Hoje pago eu a despesa. Adeus, André.
- TODOS - Adeus, André, Adeus!
- ANDRÊ - Que a Virgem os acompanhe! (ruído de porta que se abre e fecha)
Grandes coisas se preparam nestes reinos. Em mau caminho me vejo metido nelas. Se eles soubessem que eu ... Má hora aquela em que acedi aos rogos do duque, mas que fazer?... Sempre me tratou bem e me protegeu. Se não fosse ele já os credores me tinham legado o pouco que possuo, e estaria na miséria com a minha filha. O que seria de nós? Tinha de obedecer. Deus permita que os fidalgos venham às boas com El-Rei, como compete a leais servidores; senão, mais tarde ou mais cedo, desventurado André Gizar te! Não sei se receei mais as iras da nobreza se a vingança do rei e a indignação do povo. De D.João vem a descobrir que é aqui o local das reuniões...
- LUISA - Guarde-o Deus, meu pai!
- ANDRE - Al, és tu, Luísa? Que susto me meteste! Julgava que já tinhas^{te} deitado...
- LUISA - Vim dar-lhe as boas-noites, pai. Já estou arrependida, pois parece que o vim importunar.
- ANDRE - Importunar-me, filha? Se não fosses tu, quem havia de me distrair nas horas de tristeza? E não são poucas, sabes?

- LUISA - Se não andasse metido nessas coisas de politica... não sei o que o obriga a proceder desse modo, e a expor-se à ira de El-Rei .
- ANDRE - Que queres que faça, filha? Tenho dados tratos à imaginação... 'Desde a primeira noite em que os fidalgos aqui se reuniram, o meu sono é sempre agitado por sonhos terríveis. Mau fado este que me persegue!
- LUISA - Porque não recusa?
- ANDRE - Mau foi dar o primeiro passo. Agora, as circunstâncias impelem-me para o abismo. Quando reconheci o perigo, quis recusar, mas o marquês de Montemor jurou mandar-me açoitar pelos criados; e se as ameaças do Marquês são terríveis, as obras ainda mais. Não é de carácter a condoer-se de um desgraçado sem protecção, como eu.
- LUISA - Todos dizem que é mau,
- ANDRE - É terrível! Sem querer, tenho ouvido as discussões secretas dos fidalgos, e ele é sempre o mais desabrido, o mais irreverente a respeito de El-Rei.
- LUISA - Que irmãos tão diferentes! Nem parecem filhos do mesmo pai, sobretudo o conde de Faro, que vem mais com o fim de apaziguar do que de se opor aos desígnios do rei.
- ANDRE - Quem te fez ciente das intenções do conde?
- LUISA - O Rui. O conde confia-lhe todos os segredos. Estima-o como igual e não como pagem. Só vê nele o amigo. O Rui também não lhe pode ser mais afeiçoado.
- ANDRE - O Rui é um estouvado. Se a conspiração vem a descobrir-se, não é poupado, bem que não pertença à nobreza.
- LUISA - A amizade ao conde a isso o impele, pai. Havia de recusar partilhar os perigos daquele que é o primeiro a fazê-lo participar das suas felicidades?
- ANDRE - Tens razão. O Rui é um honrado moço. Se me pesa vê-lo intrometido nestes alvoroços é por tal proceder me fazer hesitar em levar a cabo certos projectos que formo a teu respeito, por temer um obstáculo à tua felicidade.

LUISA - Que projectos, Pai? Confesso que ...

ANDRE - Olhem que pergunta! Tenho tido muita experiência para bem conhecer o carácter das mulheres. Nisto de amores, deve acreditar-se sempre o contrário do que dizem, Cuidas talvez que não descobri o que te ia no coração? Olhos de pai não se enganar.

LUISA - O que descobriu, meu Pai?

ANDRE - O teu amor pelo Rui.

LUISA - O meu amor... pelo Rui...?

ANDRE - Como esta dona dissimulada sabe fingir! Minha amiga, isso é bom para os novatos, não para mim que tenho sessenta Janeiros. O Rui foi mais franco. Já confessou. Prometo que se viver em estando mais sossegados os tempos, farei a felicidade de ambos. Bem vês que aprovo a tua escolha.

LUISA - A minha escolha!... Não posso crer que o Rui dissesse...

ANDRE - Deu-me a entender, e se o negócio está já centrado entre vocês, para que te fazes de novas?

LUISA - (à parte) - Coitado! Pobre Rui!

SEPARADOR

(Pancadas na porta)

ANDRE - Quem bate?

RUI - (De Fora) - Eu, Rui da Silva.

ANDRE - Lá se vão as esperanças que ainda me embalavam. O Rui a estas horas, decerto vem prevenir-se da chegada dos fidalgos. (som de porta que se abre) Ora viva Senhor Rui da Silva; galhardo pagem de...

RUI - Schiu!... Não convém pronunciar esse nome. Pode atrair suspeitas

ANDRE - Então, o que te traz por cá?

- RUI - O mesmo que me trouxe ontem. Logo à meia-noite, para maior segurança. O duque vê-se cercado de espias.
- ANDRE - Santa Virgem! Suspeita-se que é aqui...
- RUI - Por enquanto nada se sabe a esse respeito. Oh! Ainda não a tinha visto, Luísa.
- LUISA - (Seca) - Boa-noite, Rui.
- RUI - Estranho-a hoje...
- ANDRE - Não te dê cuidado. São chuveiros de Estilo; é nurevm que passa.
- RUI - Por quem é, Luísa, diga, ao menos, que não sou a causa involuntária dos seus desgostos.
- ANDRE - Isso agora é que não afirmo.
- RUI - O modo glacial com que me recebeu... Onde provém essa frieza?
- LUISA - Talvez da infidelidade dos seus olhos, ou da disposição do seu espírito. Julgo tê-lo recebido como de costume, ainda que...
- RUI - Esse "ainda que..." é prova de que não me enganei. Diga depressa o que é!
- LUISA - Custa-me perdoar-lhe ser mensageiro de novas pouco agradáveis. As suas visitas, as visitas importunas dos fidalgos, que não podem sofrer que seus vassallos um dia lhes neguem obediência, e não querem respeitar as determinações daquele que é senhor deles todos.
- RUI - Está hoje de mau humor para os fidalgos.
- LUISA - Tenho razão de sobra para isso. Melhor seria que o duque e os irmãos obedecessem a quem tem direito para os dominar e não compromettessem quem, mau grado seu, se acha envolvido nestas intrigas e perigos, sem esperança de partilhar as vantagens. Pesa-me ver o

meu pai metido nisto e o Rui o instrumento escolhido para o comprometer. Faz com que a sua presença se torne pouco desejada.

RUI - Negar-me a satisfazer o menor desejo do conde de Faro seria a maior ingratidão. Estou certo que mesmo a Luísa me lançaria no rosto. Demais a mais, como esta missão me aproximava de si, encarregava-me dela com prazer. Confesso que, servindo a causa dos nobres, ignorava que lhe era tão adversa.

LUISA - Filha do povo, como quer que simpatize com uma causa em que se conspira contra um rei tão popular como o nosso?

RUI - Eles não conspiram contra sua Alteza; são alevies que os inimigos lhes têm levantado.

ANDRE - Assim o penso também. Deixo-os sós, e em breve saberás a causa do ressentimento da Luísa. Prudência, meu filho. O jogo em que andas é arriscado. Luísa, assim que o Rui se retirar, não te esqueças de fechar a porta. Adeus, meus filhos! (son de passos que se afastam)

LUISA - Rui, sete-se aqui, que temos que falar.

RUI - Não confia em mim?

LUISA - Por confiar nos seus sentimentos, na sua... amizade, é que quero falar-lhe com franqueza.
(Após breve pausa) - Fale!

LUISA - Antes de tudo, quero pedir que me desculpe pelo modo com que o recebi. Estou arrependida e, como explicação, vou revelar-lhe um segredo, de que vai ser o único possuidor.

RUI - (A parte) - Santo Deus! Que será?

LUISA - Rui, promete que me há-de perdoar se o fizer sofrer? É a segunda coisa para que imploro o seu perdão.

RUI - Embora o que me vai dizer me despedace o coração, não a recriminarei. Só lhe peço que... me faça curta a agonia.

- LUISA - (Procurando sorrir) - A nossa conversa está tomando um aspecto lúgubre, mas o motivo não é para isso. (Pausa) Rui, há perto de quinze ~~anos~~ que nos conhecemos. Na infância, vi-o a meu lado como se fôssemos irmãos, lembra-se?
- RUI - Se me lembro!
- LUISA - Mais tarde, quando foi admitido em casa dos senhores de Bragança, como pagem do conde de Faro, o meu companheiro de infância começou a viver novas lides no bulício da corte, no ardor dos combates... Eu fiquei só e chorei... chorámos na despedida. Recorda-se?
- RUI - Recordo-me de tudo isso e ainda de uma palavra que pronunciou, que me fez conhecer como se podem gozar venturas nos instantes de infelicidade. Já não me chamou irmão...
- LUISA - Efusões infantis... loucuras da idade...
- RUI - A Luísa tinha quinze anos...
- LUISA - Confesso que já não me lembrava do que disse... palavras filhas dos sentimentos... de amizade, que naquela hora me dominavam.
- RUI - Pois eu... nunca as esqueci.
- LUISA - (Sorridente) - É por isso que o quero repreender. Ora, diga: educados lado a lado, crescendo juntos, participando das mesmas alegrias e das mesmas penas, recebendo iguais carícias, não queria que o olhasse e estivesse como irmão? Foi sempre assim que o considerei, e era esse amor que de si ambicionava.
- RUI - Mesmo naquele dia da separação...
- LUISA - Para que está a recordar uma cena a que tão pouca importância devia ligar? Que significaram essas palavras irreflectidas, soltas ao acaso, nascidas num momento de exaltação? Algum tempo decorreu depois da sua partida, em que me iludi. Quero ser sincera. Cheguei mesmo a julgar que o amava...

RUI - Ah!

LUISA - O Rui voltou para Évora, e nada me fez suspeitar que diversos eram os seus sentimentos. Era tão feliz! Imaginava um futuro tão belo!... Hoje, sem o saber, o meu pai fez-me sofrer. Falou-me em si, nos seus sentimentos, e nos projectos que ele formava a nosso respeito.

RUI - E então?...

LUISA - Sou obrigada a dizer-lhe que não posso ser sua esposa.

RUI - Ama outro?

LUISA - Rui...

RUI - Ama? Antes assim. Ouça-me agora também: durante muito tempo via-a, sem saber a natureza do sentimento que me inspirava. Um dia, porém, uma cena, pela triste e saudosa impressão que nos causou, fez-me reflectir e imprimir nova direcção às minhas ideias. Foram os últimos instantes de sua mãe.

LUISA - (Suspirando) - Ah!

RUI - A pobre senhora chamara-nos e, com as nossas mãos entre as suas, de que o frio da morte principiava a apoderar-se, disse: "Mina filha, vou abandonar-te, vais viver sem os carinhos da tua mãe. Deixo-te à protecção da Virgem. Confia nela, filha". Depois, voltou-se para mim, e continuou: "Rui, também és órfão, careces de quem te ampare, mas cedo serás homem e forte; sê-lo-ás quando o pai de Luísa a deixar mais só do que fica hoje. Sê o seu amparo. Confio-ta. Prometes-mo?"

LUISA - (Chorando) - Rui...

RUI - Prometi. Habituei-me a esta ideia, que imaginei fosse também a sua. Já que não quer ser minha esposa, que mais poderia desejar senão que outro lhe dê a protecção que imaginei vir a dar-lhe? Perdoe se a mortifiquei, Luísa. Mereço perdão, porque... não quero mentir, mas o que sofri agora resume quanto até hoje tenho sofrido. Aceito

a sua amizade, se ainda ma concede. Seja feliz!

LUISA - Ó Rui, meu pobre Rui! Cada vez aprecio mais a nobreza do seu carácter. Como desejava poder dar-lhe o meu amor e fazer a sua felicidade! Porém... não posso. Vi um homem que não conhecia, que me fitou, me sorriu, e aquele olhar e aquele sorriso dispuseram da minha vida, decidiram o meu futuro. Quem é ele? Não sei, mas amo-o. Amando-o caminharei para a felicidade ou cavarei a minha ruína. Só sei que o amo, que hei-de amá-lo sempre. É destino a que se não foge; é amor que se não vence.

RUI - A culpa não é sua, se culpa existe. O coração humano é assim. Mas o coração humano é também egoísta e vingativo, por isso peço-lhe que não me diga quem é esse homem, nem me dê a conhecer. Adeus, Luísa!

LUISA - Adeus, Rui...

-SEPARADOR-

LUISA - Como poderia tornar feliz o Rui, se o meu amor pertence a outro? Há dois dias que o não vejo. Virgem Santa, Tu que sofreste, compreendes os que sofrem; Tu que amaste, sabes entender os corações que amam. Auxilia-me, Virgem Santíssima! Cobre-me com o Teu manto protector e defende dos perigos aquele que amo! (Ouve-se um assobio) O sinal... Graças, Virgem Santa! (passos correndo, ruído porta que abre) João! Que longos dias me fizeste passar! (som de fechar porta)

JOÃO - Vamos, querida! Dois dias não são dois anos.

LUISA - Mas parecem... Quero saber as razões que te fizeram ausentar tanto tempo.

JOÃO - O que pedes, querida, não posso fazer.

LUISA - É essa a constância dos homens? Não vê o senhor que tenho direito a exigir que se informe da sua vida?

- JOÃO - Negócios sérios e trabalhoso me retiveram, não tos posso revelar, nem são de natureza a casar-se com o singelo e delicado carácter da minha querida Luisa.
- LUISA - Não me dever interessar? Mal me conheces, João, para assim avaliar o meu amor. Ouve! Há perto de um mês que te encontrei e, de então para cá poucos são os dias que não te tenho visto e falado. Nunca te perguntei quem eras. És fidalgo ou plebeu, rico ou pobre? Não sei apenas me disseste o teu nome, apenas disseste amar-me e isso bastou. Amei-te, amo-te, tenho confiança em ti.
- JOÃO - Queres saber quem sou? Para quê? (Como falando consigo mesmo) É sina minha e dos meus não conhecer os ternos sentimentos, as paixões puras que amenizam e douram a curta existência do homem neste mundo, quando o nosso nome é conhecido. Para mim e para os meus iguais todas as taças de prazer que empunhamos no festim da vida contêm absinto. Na infância não nos permitem os doces folguedos, as ilusões da amizade e o familiar tratamento que a sanciona. Mais tarde, estendemos a mão a um amigo, abrimos-lhe os braços, e ele curva-se respeitoso; em vez da amizade que desejamos dá-nos dedicação e respeito. A etiqueta põe deveres aos autores dos nossos dias. Crescemos e, em herança, recebemos de nosso pais a mais árdua e dura tarefa que nos faz vergar a cabeça ao peso dos seus cuidados. Escolhem-nos a mulher que nos deve acompanhar, mandando-nos calar o coração para se escutar a voz das conveniências. Que vida! E há quem a inveje!... Se desejamos gozar como os outros, devemos ocultar o nome.
- LUISA - Santo Deus! Que estranhas palavras! Que estranha família é a tua! Já agora, é melhor saber tudo. Quem és?
- JOÃO - Quem sou? Um homem a quem legaram uma grande herança, mas tão retalhada que para a haver como me pertence hei-de lutar muito. Não queiras saber mais, Luísa, peço-te!
- LUISA - Amas-me? Juras?
- JOÃO - Precisas que te jure? Juro. A nossa conversa tem sido triste. Eu

é fui o culpado, eprdoa! Pus-me a divagar...

LUISA " Há dias talhados para a tristeza. Não sei que voz interior me diz que ainda hei-de padecer mais antes que chegue a manhã.

JOÃO " Ora! Sossega. Em breve me retiro, recolher-te-ás e tudo entrará em repouso.

LUISA " Ai! Aquele segredo que te revelei, que envenena os dias do meu pai, não me deixa repousar.

JOÃO " Ainda é este o sítio em que os nobres...?

LUISA " Oh! Cala-te!

JOÃO " Nada mas. Teu pai não é muito culpado. Confia no carácter de D. João II que, se castigar, castiga como deve. Diz-me, esses fidalgos ainda aqui se reúnem?

LUISA " Ai! Hão-de vir à meia-noite. Mas... por que razão estás pensativo?

JOÃO " Não é nada. Vai sossegar, Luísa. Porém, permite que me demore aqui, para poder coordenar as minhas ideias e entregar-me aos sentimentos que me dominam.

LUISA " Ficareas aqui? Mas...

JOÃO " Antes da meia-noite terei saído.

LUISA " E queres ficar só?

JOÃO " Desejava...

LUISA " Condescendo, embora estranhe tais desejos. Adeus, João. Voltas amanhã?

JOÃO - Amanhã e... sempre. Adeus, Luísa. Permite que te dê um beijo.

-SEPARADOR-

ANDRÉ - (bocejando) - Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, Amém. Ai' Que vida atribulada a minha! Ainda não é meia noite... Vamos lá abrir a porta ... Ih! Está aberta... Tanto recomendei à Luísa!... E o candieiro a arder em cima da mesa... Santa Virgem ! Um homem ali sentado...?! Parece que estava a dormir... Deixa-me aproximar ... Meu Senhor!

JOÃO - (despertando) - Hum... que é?

ANDRÉ - Ai' Vem mascarado,,, (alto) Senhor, as horas vão adiantadas... preciso fechar a loja...

JOÃO - Deixa-me. Que horas são?

ANDRÉ - Perto da meia-noite, meu Senhor. Devo advertir-vos que, durante o dia, de comer e beber tereis à farta a qualquer hora, mas à noite, preciso descansar e não albergo ninguém.

JOÃO - E eu advirto-me, André Girar-te, que não abras a boca senão quando te interrogar.

ANDRÉ - (à parte) - É atrevimento de mais, (alto) Senhor embuçado, já que sois tão descortês comigo, sempre vos farei notar que aqui sou eu o senhor.

JOÃO - Em recompensa do conselho vou dar-te outro não menos judicioso e útil; não levantas a voz, que podes chamar a atenção dos meirinhos e corregedores de El-Rei.

ANDRÉ - Não.. entendo...

JOÃO - Não é caso para te perturbares. Procuras ganhar a vida, ainda que os meios não sejam dos mais lícitos e isentos de culpa.

ANDRÉ - Excelentíssimo,.. falais de um modo que...

JOÃO - (sorridente) - Parece que o conselho te tornou mais cortês, e já que te mostra agradecido, dispensarei de boa vontade esse novo tratamento e agradeerei um lugar qualquer nesta casa até que os seus frequentadores se retirem.

- ANDRE - Mas ... está tudo deserto já, bem vedes
- JOÃO - Ora! É tão afamada esta taberna, que apostava sem receio em como em poucos minutos vai estar cheia de gente.
- ANDRE - Senhor, compaixão! Não me boteis a perder!
- JOÃO - Quem fala em tal? Não corres risco algum, se me obedeceres.
- ANDRE - Mas eles?... Ou outros?... Não os desgraceis! Que mal vos fiz eu?
- JOÃO - Nenhum, nem eu quero fazer-te.
- ANDRE - A vossa proposta é infamante. Não-de chamar-me traidor. Que interesse podes ter em assistir à conversa de alguns frequentes?
- JOÃO - Quem sabe? Segundo dizem, nessas conversas nem sempre se fala no rei nos devidos termos; que escrupulo poderão ter em não poupar qualquer dos seus vassallos?
- ANDRE - (À parte) Estou perdido! (alto) Do rei? Do nosso popular Rei D. João II? Enganaram-vos, Excelentíssimo.
- JOÃO - (como falando consigo) - Exactamente, popular é o título que tem merecido. Se tem virtudes, a maior é a de ser amigo do povo, e é de estranhar que esse povo se mostre ingrato; que esqueça o que deve ao monarca, que esqueça as sujeições que sofria e ainda sobre da nobreza, que ora coadjuva.
- ANDRE - Perdeai, senhor, mas essas palavras são injustas. O povo não é ingrato para o rei.
- JOÃO - Julgo que não pertences à classe dos fidalgos e, não bastante, aqui os recebes e coadjuvas. Quem sabe se a tua voz não se junta à deles quando entoam os "morras" contra aquele que deviam respeitar,
- ANDRE - Longe de mim tal procedimento! Até ignoro o que se passa entre os fidalgos...
- JOÃO - (Sorridente) - Ora graças! Estás mais comunicativo. Vê como confessa que são fidalgos. Aqui para nós, o teu procedimento não é dos mais nobres. Necessário é combater a má reputação que serviços desses

- podem ter granjeado, praticando outros que em melhor conceito sejam tidos no ânimo de El-Rei.

ANDRE - Santo Deus! Acaso terão dito alguma coisa de mim a Sua Alteza?

JOÃO - Não sei, mas toda a gente tem inimigos.

ANDRE - Senhor, afinal o que pretendeis?

JOÃO - Que me coloques em sítio onde possa ver e ouvir sem ser visto.

ANDRE - Nunca!

JOÃO - Fraco amor tens à cabeça.

ANDRE - (à parte) - Anjos do Céu! (alto) Faça-se a vontade de Deus.

JOÃO - Preferes a morte e desgraça dos teus a...

ANDRE - A desgraça dos meus!?

JOÃO - A filha de um traidor...

ANDRE - Senhor, tereis ânimo para a fazer órfã?

JOÃO - Essa pergunta faço eu.

ANDRE - Porém... hei-de trair pessoas a quem devo tanto?

JOÃO - Entendamos, André Girarte. A tua recusa não os salva. El-Rei foi informado das reuniões dos fidalgos aqui, e do que tratam. Podia mandar cercar a casa, e daí ao castigo era um momento. Mas não quer. Sabe que entre esses fidalgos há inocentes e culpados e, justo como é, há-de separar o trigo do joio. Se não acedes aos meus desejos, todos poderão sofrer. Não dificultes a corrente ao riacho que sereno desliza, colocando-lhe obstáculos na carreira que o irritam, as águas amontoam-se, as margens inundam-se e, tornado caudaloso, o rio destrói quanto encontra e faz milhares de vítimas.

ANDRE - E El-Rei nomeou-vos...?

JOÃO - Para fazer a selecção.

ANDRE - Senhor, quem sois?

JOÃO - Um homem que não gosta de ser interrogado. (Soa meia-noite) - Não há tempo a perder. (Ouve-se barulho)

ANDRE - Ei-los que chegam...

JOÃO - (Batendo o pé) - Então?!

ANDRE - Entrai para aqui, senhor...

JOÃO - Se descobrir traição, faço-te saltar os miolos com esta pistola.

ANDRE - Nada disso sucederá, Excelentíssimo. (Pancadas na porta) - Ei-los. (Baixo) - A Virgem seja com eles.

RUI - (De fora) - Amigos...

ANDRE - Ah! És tu, Rui? (Som de abrir porta) - O senhor conde de Faro? Deus seja com Sua Mercê, Excelentíssimo.

CONDE - Estamos sós? Podemos conversar sem perigo?

ANDRE - Sim... podeis... Mas às vezes... (Som de engatilhar pistola)

CONDE - Pareceu-me ter ouvido...

RUI - Ali dentro...

ANDRE - Nada, nada. Sossegai.

RUI - Senhor André Girarte, se descobrires traição, avisai imediatamente. Um assobio nos advertirá.

ANDRE - Descansa. (Passos que se afastam)

- CONDE - Muito se fazem esperar meus irmãos e os outros nobres. Não virão?
- RUI - Decerto que vêm.
- CONDE - Ai, Rui, quanto me pesam estas cenas! Que tristeza! Como é doloroso sentir a discórdia, dividindo e separando homens que deviam andar unidos pelo bem da Pátria!
- RUI - D. João é austero e os nobres são altivos...
- CONDE - Queria menos altivez nos nobres para que houvesse menos austeridade no rei. (Ruído de vozes) Lá vêm eles... (Som de passos) - Folgo de vos ver junto de nós... Pena é que por motivos tão tristes nos reunamos...
- MARQUES - Já vejo que persistes no mesmo ânimo, Afonso.
- CONDE - Não mudo facilmente, meu irmão. Em vinte e quatro horas não abandono opiniões que meditei por largo tempo. (Ruído de passos e vozes) - Lá vêm todos...
- VOZES - Guarde-vos Deus!
- TODOS - Bem-vindos...
- CONDE - Estamos todos?
- MARQUES - Ainda não veio o duque de Viseu.
- DUQUE - (Entrando) - Ei-lo aqui para cumprir a palavra. Unidos por um só interesse, deliberemos como irmãos, como companheiros, como iguais. Precisamos opor uma barreira à torrente que ameaça submergir a nobreza.
- ALGUNS - Sim... sim... nada de humilhações.
- DUQUE - Querem calcar-nos aos pés? Ergamos a cabeça. Opunhamo-nos com a palavra e, se essa não for suficiente, lembremo-nos que herdamos

de nossos avós uma espada, e que havemos jurado defender a nossa honra contra todos que ousassem atacá-la..

MARQUES - Apoiado, duque! Basta de palavras. Deixemos à gente de toga as lutas de língua e de pena. Homens de espada, respondamos com a espada.

ALGUNS - Apoiado. Apoiado!

CONDE - Cavaleiros, não vos cegue a cólera. Ouvi-me. Se El-rei nos tem privado de regalias, não terá sido nossa a culpa? Quer-me parecer que sim. D. João diz que é soberano só de nome e que o reino é mais nosso do que ele. Jovem ainda, anseia por governar e estendo os seus domínios. Cedamos e deixemos cumprirem-se aquelas determinações que não forem atetórias contra a nossa honra e dignidade. Obedecemos!

MARQUES - Nunca!

ALGUNS - Nunca!

CONDE - Moderai-vos, senhores. Quereis que vos apelidem de traidores?

MARQUES - D. João II...

CONDE - É um rei. Devemos-lhe obediência.

MARQUES - É um tirano. Devemos revoltar-nos.

ALGUNS - Guerra!

MARQUES - D. João II conhecerá quem é o marquês de Montemor. Acaso ignora como em Portugal se vingam insultos e castigam insolentes? (assobio)

JOÃO - (Aparece) - Não ignora, marquês de Montemor, ea tempo se recordará.

TODOS - Quem é este homem embuçado?

RUI - Traição!

JOÃO - Quem sou? Um conviva que não esperáveis, meus senhores, mas que se dá por convidado.

MARQUÊS - Quem és?

DUQUE - Vejamos o teu rosto, miserável!

JOÃO - Cedo satisfarei a vossa curiosidade. (Segundo assobio)

RUI - Aqui há grande traição. Convém sair enquanto é tempo.

DUQUE - O teu nome?

JOÃO - Meu primo, como amigo, advirto que vos recolhais.

DUQUE - Estou perdido...

JOÃO - (a meia voz) - Ainda não, duque. Tenho pena de ti. De ora em diante respeita o teu nome e tua linhagem.

VOZES - Que é isto?

DUQUE - Convém ^{quanto} sair antes. (tropel de passos e vozes)

TODOS - Vamos.

RUI - Retirem-se enquanto é tempo. Nada se avista na rua.

CONDE - E tu, Rui?

RUI - Já vos sigo. Vão e estão salvos.

JOÃO - Miseráveis! Eu os alcançarei.

RUI - Alto. Proíbo-te que saias.

JOÃO - Pagaram-te? Dobro o salário. Deixa-me ir.

RUI - Talvez não compreendas que há laços mais fortes que o dinheiro. Não Passarás.

JOÃO - Desgraçado, sabes quem falas?

RUI - Suspeito: um espião.

JOÃO - É perigoso brincar com as garras do leão. Afasta-te!

RUI - Tentas meter-me medo, e apenas me causas riso.

JOÃO - Queres combater? Em defesa!

RUI - Agora sim.

JOÃO - Causas-me dó. Afasta-te e esqueço tudo.

RUI - Não, agora sou eu que ataco. (som de combate à espada)

JOÃO - Tenho pena de te matar, porque és bravo, mas não posso perder tempo (continuam)

RUI - Quero pagar-te uma pequena dívida... sou pronto em minhas contas.

JOÃO - Veremos! Bem jogado.

RUI - Ah! (Pára)

JOÃO - Feri-te?

RUI - Não, mas levantei-vos a máscara e conheci o meu contendor.

JOÃO - E tu, quem és?

RUI - O Pagem do conde de Faro. Perdoe Vossa Alteza, mas ignorava...

JOÃO - Muito folguei conhecer-te. És o mais valente pagem que tenho visto. O teu nome?

RUI - Rui da Silva.

JOÃO - Rui da Silva, os pagos reais estão sempre abertos para tudo quanto é bravo e honrado. Espero tornar a ver-te. Agora, deixa-me passar.

RUI - Haveis de me matar para que possais sair.

JOÃO - Deste provas de bravura, não dêis agora de rebeldia.

RUI - Castigai-me, senhor, mas enquanto viver e eles não estiverem longe, não passareis.

JOÃO - Atreves-te? É a tua perdição. Retira-te!

RUI - Ainda não!

JOÃO - Começemos de novo.

RUI - Não combato com o rei.

JOÃO - Deixa-me sair e tudo me esquecerá.

RUI - Não.

JOÃO - Não tens amor à vida? Não tens ninguém que te ame?

RUI - Não.

JOÃO - Pela última vez, retira-te!

RUI - Pela última vez, não. (som de um tiro)

LUISA - Ah!

JOÃO e RUI - Luísa!

LUISA - Suspendam! João, não o mates, o Rui é meu irmão. Rui, perdoa-lhe, é o homem que eu amo.

RUI - Ele!

JOÃO - Luísa...

LUISA - Iam-se matar... e eu... como poderia viver depois?

RUI - Oh! Que amargo desengavo! Em que poderei acreditar nesta vida, se numa beleza de anjo, que eu julgava ocultar um tesouro de candura e inocência, só havia amor torpe e criminoso, interesses mesquinhos e grosseiro? E eu amava-a!

LUISA - Que diz ele? Acaso enlouqueceria?

RUI - Não estou louco. Louco estava quando te amei. Oferecer o meu amor à mulher que o vende a quem mais caro o pode comprar, à mulher que oferecera a honra em holocausto ao rei de Portugal!

LUISA - Essas palavras... Ah! Agora compreendo (som de queda de corpo)

JOÃO - Desgraçado! Mataste-a! Ela ignorava tudo.

SEPARADOR

ANDRE - Quem está aí? O Rui ainda? Ah! Trindade Santíssima! O Rei!
(som da queda da lanterna)

JOÃO - Desastrado! Deixaste cair a lanterna? Traz luz depressa!

ANDRE - O Rei!... Senhor, por piedade!

JOÃO - Avia-te, homem, a tua filha está sem sentidos. Uma luz depressa!

ANDRE - A minha filha,,, (passos correndo)

RUI - O Coração palpita...

JOÃO (voltando a si) - O rei ... e eu disse-lhe tudo... o meu pai..., o Rui, ... o conde... E eu sou a causa da sua morte. Vão amaldiçoar-me.
Oh! Eu não sabia, amava-o...

ANDRE - Cá está a luz...senhor, perdão para mim, para ela,

- JOÃO - Cala-te, homem, perdão peço eu.
- LUISA - Meu pai... seria um sonho? A tua presença, João... Perdoe-me Vossa Alteza...
- JOÃO - Luisa, minha Luisa.
- ANDRE - Que oiço?
- RUI - Pobre pai!
- LUISA - Oh! Deus te pague... Deus pague a Vossa Alteza...
- JOÃO - Chama-me como até hoje. Não vejas em mim o rei, Para ti quero ser sempre o mesmo.
- ANDRE - Ó Deuss meu! Princípio a suspeitar.
- RUI - Não é belo ver um rei fazer desta sorte a felicidade dos seus vassallos?
- JOÃO - Rui, isso é crueldade, mas perdoe-te.
- LUISA - Ai, meu pobre pai! Foi muito intenso o golpe. O homem amava, que jurava amar-me lealmente, mentia. Não podia amar-me porque era...rei
- JOÃO - Luisa, não menti. Amei-te e amo-te ainda.
- ANDRE - Rei de Portugal, Deus vos perdoe o mal que fizeste.
- RUI - Para um rei, a honra dos pobres é uma flor que se desfolha por pas-satempo, um fruto do seu vasto reino que ele saboreia à vontade.
- JOÃO - Por Deus que nos ouve, por estes reinos que me confiou, por tudo que há ^{de} mais sagrado na terra, juro que respeitei sempre em Luisa a virgem pura e inocente, forte na sua fraqueza. Como primeiro cavalei-ro do reino, competia-me defender uma dama ultrajada; por Cristo, que a defenderia!
- ANDRE - Obrigado, Senhor. Creio nas vossas palavras.

LUISA - Rui, como as tuas palavras me fizeram sofrer! Não sei como não morri.

JOÃO - Rui da Silva, André Girarte! D.João II, rei de Portugal, pede-vos perdão. Para ti, Rui, e para Luisa, ainda podem voltar dias felizes.

LUISA - Felicidade?... Só o céu,. João, quero fazer-te um pedido: Por mim descobriste a conspiração; Reveleit-e um segredo que conduzirá à ruína milhares de infelizes. Poupa-me esse pesar, esse remorso! Não faças, da mulher que te entregou o seu amor, uma delatora infame. Perdoa, perdoa a todos! Esquece o que viste hoje. Prometes?

JOÃO - D.João II não se lembrará do que viu e ouviu aqui, a não ser...

LUISA - A não ser...

JOÃO - Das nobres palavras dos seus leais servidores, cuja grandeza de alma e firmeza de carácter teve ocasião de apreciar. Disso se lembrará sempre. O mais, tudo esquecerá.

RUI - Agora vejo que sois magnânimo e generoso monarca, um rei digno da estima do povo digno até... do amor de Luísa.

JOÃO - Da tua amizade?

RUI - Do meu respeito e veneração.

LUISA - D.João, amei-te tanto!

JOÃO - Luisa, D.João II lembrar-se-á sempre com amor e saudade da virgem inocente que encontrou no airo caminho da sua vida. Da pura flor, cujo viço e formosura mais que nunca lhe fez lamentar a sua condição de rei.

LUISA - E a tua promessa? Ainda te não esqueceu?

JOÃO - Não me esquecem as promessas que faço. De novo te juro: enquanto não houver novas provas de traição, os nobres nada têm a reoear, pois tudo o que ouvi aqui esquecido.



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa

Miniteatro "Um Rei Popular"

Referência

N.º/R.P.L. 181
N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação 13 de setembro de 1976 às 9,15 horas.
da 1.ª emissão de de 19 Programa

Director artístico

Rui de Carvalho

Rui de Carvalho

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Amande Venâncio	Brás Serrão	✓
David Silva	Lourenço	
Luis Bergueria	André	
Carmen Dolores	Luisa	Carmen Dolores
Rui Mendes	Rui	Rui Mendes
João Ferraz	Rui D. João	João Ferraz
Vitor de Sousa	Conde	Vitor de Sousa
Branco Alves	marquês	Bras R.A.
Luis, Tição	Duque	Luís Tição

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Carlos Fernandes - montagem
Ruby Avila assistência técnica

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 13 de setembro de 1976